

Minimizar

N. 30/1/85

os efeitos da guerra

COMO todos nós sabemos, o nosso País está a enfrentar uma situação dura e difícil de guerra. O Imperialismo internacional, através da sua ponta de lança na África Austral, a África do Sul racista, criou, organizou, formou, arma, financia, orienta e comanda os bandos armados que são seu simples instrumento militar terrorista. Sistemáticamente alimentados pelo apoio logístico organizado e dirigido do exterior, pelos roubos e assaltos que realizam no nosso País, e pelo recrutamento de marginais e raptos de cidadãos, entre eles crianças abandonadas, os bandidos armados continuam a realizar actos de sabotagem, de destruição, de puro terrorismo.

Apesar das acções decididas das nossas Forças Armadas e restantes Forças de Defesa e Segurança, apesar do esforço e dos sucessos na mobilização e organização de todo o Povo para participar activa e massivamente no esforço de guerra a que o nosso País é obrigado, as acções dos bandidos ainda persistem.

De facto, é muito mais fácil colocar um engenho explosivo num poste de energia eléctrica do que impedir que tal aconteça. É muito mais fácil destruir qualquer coisa do que construir. Nós estamos a defender o nosso território nacional, o nosso País, as nossas aldeias, fábricas, escolas, hospitais, estradas, vias férreas, etc. Os bandos armados pelo contrário, só destroem. A longo prazo, é evidente que seremos nós os vencedores, porque somos o Povo, sabemos o que queremos, temos todos os instrumentos do poder nas nossas mãos, estamos a construir a nossa própria sociedade. Todavia, a curto prazo, a guerra ainda continuará porque o imperialismo está plenamente apostado em derrotar e destruir a nossa Revolução Socialista. Embora o inimigo não tenha a possibilidade de tomar o poder, tentará tudo para enfraquecê-lo e torná-lo mais vulnerável às manobras e exigências do imperialismo.

Como é evidente, só se todo o nosso Povo participar activamente no esforço de guerra, é que é possível vencê-la no mais curto espaço de tempo.

Participar activamente no esforço de guerra, significa várias coisas diferentes:

- * inscrever-se voluntariamente no SMO e assumir e realizar plenamente as tarefas recebidas.
- * participar nas Milícias Populares, nos Grupos de Vigilância Popular e em todas as acções de autodefesa, organizadas nos locais de trabalho ou de residência.

- * garantir com que a produção das nossas unidades de produção assegure o devido apoio à guerra.
- * lutar pela minimização dos efeitos da guerra, nomeadamente os cortes da energia eléctrica e do abastecimento de água, etc.

Hoje, não existe a possibilidade de se ser neutro ou passivo. Ou se

zação, de banditismo, de violação de orientações.

Vou debruçar-me especificamente sobre o quarto ponto das formas de participação no esforço de guerra, nomeadamente a minimização dos efeitos da guerra.

Durante os últimos meses do ano de 1984, em particular após o Acordo

de Outubro, Novembro e Dezembro de 1984, também houve diversos cortes.

A actividade industrial, pública e privada, na Cidade, depende, em grande medida, do consumo de energia eléctrica. Quando há falta de energia, os bancos não funcionam e os cidadãos não conseguem levantar dinheiro; as lojas funcionam muito mal; uma parte da indústria fica paralisada ou é fortemente afectada; em muitos serviços quase nada se faz; as nossas residências ficam sem luz, não podemos cozinhar, as geleiras descongelam e aquele quilo de peixe do NSA corre o risco de apodrecer, etc. Todas as pessoas sentem estes problemas, mas nem todas os sentem da mesma maneira.

Há pessoas que parece estarem a concorrer umas com as outras para ver quem sabota mais, quem viola mais os apelos de austeridade. Apesar de todos os apelos sistemáticamente divulgados, vemos casas e escritórios todo o dia e toda a noite (nos períodos de fornecimento de energia) com todas as luzes acesas, com os ar-condicionados a funcionar, etc. É verdade que estamos numa fase de muito calor, e é agradável ter o ar condicionado a funcionar. Mas, nas circunstâncias actuais, teimar irracionalmente em manter esta comodidade individualista, é um acto claro e repulso de sabotagem, de arrogância, de banditismo. À noite, grande parte das montras das lojas da Cidade, tem os reclamos e as luzes acesas. Muitas vezes essas montras estão simplesmente vazias. Para que servem esses reclamos e luzes acesos toda a noite? Somente para sabotar o nosso esforço de guerra!

Eu penso que a vigilância popular, em cada local de residência e de trabalho, deveria receber a tarefa de controlar esta situação e denunciar as violações às estruturas competentes das Forças de Defesa e Segurança. Estas violações deveriam ser punidas como actos de sabotagem. Vamos combater energicamente esta situação, porque ela concorre decisivamente, para fomentar o relaxamento, promover a negligência e aumentar os efeitos directos da guerra. É verdade que o principal é acabar de vez com os bandidos, liquidando-os a todos. No entanto, sabemos todos muito bem que o banditismo não vai acabar de repente, de um dia para o outro. Então é necessário, também, estarmos organizados para reduzir os efeitos da guerra na nossa economia, na nossa vida. Se os bandos armados sabotam a linha de fornecimento de energia, mas nós conseguirmos reduzir o consumo de forma organizada e utilizar racionalmente as nossas reservas, vamos reduzir os efeitos de tais actos de sabotagem. Se, pelo contrário, desperdiçarmos as reduzidas reservas e capacidades alternativas de que dispomos, então não tardará que a Cidade fique totalmente às escuras, que todas

as fábricas e serviços deixem de funcionar. Neste caso, a acção dos bandidos terá sido catastrófica. Por isso, porque temos de defender os interesses da revolução socialista, os interesses dos operários e da maioria do Povo, temos que punir severamente e criminalmente todos os actos de sabotagem e violação às medidas de austeridade instituídas. Cada cidadão, cada trabalhador, cada residente em cada bairro, quarteirão, etc., deve ser um controlador activo e determinado da aplicação das medidas de austeridade.

Um outro aspecto igualmente importante, é os serviços e empresas encontrarem alternativas e programas excepcionais para que se possam manter em actividade mesmo com cortes de fornecimento de energia, de água, de matérias-primas, etc. No âmbito do movimento de inovadores, inventores e racionalizadores, deveríamos procurar formas de reorganizar os processos de trabalho e pesquisar e introduzir alternativas técnicas locais que permitam minimizar os efeitos da guerra na actividade produtiva da Cidade. Isto é, de facto, adaptar a economia à situação de guerra que vivemos.

Muitas vezes, os nossos serviços e unidades produtivas fazem planos irrealistas, em virtude da situação de guerra, e não se adaptam nem um pouco à situação concreta. O resultado é: no fim do ano, apresentam um relatório em que se fala das óptimas intenções do plano mas da incapacidade de o cumprir por causa da guerra. Isto pode ser simples desorganização, ou falta de sensibilidade, ou sabotagem.

Não digo que todos os problemas e dificuldades criados pela guerra podem ser resolvidos com soluções alternativas. No entanto, estou certo que muitos dos problemas podem ser minimizados, se aceitarmos corajosamente que estamos em guerra, que a guerra não é uma simples ventania passageira e que temos de nos organizar para que a nossa vida e o nosso trabalho sejam reorganizados para podermos vencer a guerra.

Nós temos que vencer a guerra, temos de aniquilar os bandos armados. Mesmo depois de vencermos os bandos armados (o que não acontecerá de um dia para o outro, devido ao apoio que gozam no Ocidente imperialista) temos que estar preparados para a defesa, porque o nosso vizinho mais próximo (o regime do «apartheid») é nosso inimigo, é o inimigo principal dos Povos da África Austral.

A guerra só se vence quando se organiza a vitória. Como diz o Presidente Samora Machel, «a vitória organiza-se, a vitória prepara-se».

C. N.
Maputo, 21-1-85



SÓ SE TODO O NOSSO POVO PARTICIPAR ACTIVAMENTE NO ESFORÇO DE GUERRA, É QUE É POSSÍVEL VENCÊ-LA NO MAIS CURTO ESPAÇO DE TEMPO

está claramente do lado do Povo moçambicano, ou se está claramente do lado do imperialismo, do racismo, do colonialismo, do banditismo armado ou desarmado. Ou se luta contra o inimigo, ou se é inimigo. Esta é uma situação real.

No entanto, nós não estamos ainda a realizar com rigor as nossas tarefas, a exercer um controlo rigoroso sobre a situação. Ainda somos complacentes com situações de desestabili-

da Nkomati, os bandidos armados pela África do Sul racista têm vindo a intensificar acções na Província e arredores da Cidade de Maputo.

Esta situação traduz-se, na prática, entre assassinatos de civis, destruição de bens da população, etc., na sabotagem de postes de condução de energia eléctrica para a Cidade de Maputo. Nas primeiras três semanas de 1985 já houve dois grandes cortes de fornecimento de energia. Nos meses